

A ETNOPRIMATOLOGIA E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

ETHNOPRIMATOLOGY AND ITS CONTRIBUTIONS TO ENVIRONMENTAL CONSERVATION

LA ETNOPRIMATOLOGÍA Y SUS CONTRIBUCIONES A LA CONSERVACIÓN AMBIENTAL

Valentina da Silva Dias Pereira¹
Antonio Renaldo Gomes Pereira²

RESUMO: O presente artigo trata de investigar o papel fundamental da Etnoprimatologia na compreensão das relações entre primatas humanos e não humanos a fim de promover a preservação dos primatas não humanos. Destaca-se a problemática da crescente pressão sobre os habitats dos primatas não humanos, resultante da expansão humana e das atividades humanas. A Etnoprimatologia surge como uma abordagem interdisciplinar que integra conhecimentos da Antropologia, Primatologia e Conservação Ambiental, buscando compreender as interações culturais, sociais e ecológicas entre humanos e primatas não humanos. O objetivo principal do artigo é demonstrar a eficácia da Etnoprimatologia na preservação e conscientização de populações sobre a importância dos primatas não humanos para os ecossistemas e para o bem-estar humano, reconhecendo e valorizando os conhecimentos e práticas locais relacionadas aos primatas. Neste intuito, utilizamos de fontes bibliográficas a respeito da Etnoprimatologia e metodologias utilizadas por etnoprimatólogos para atender ao objetivo proposto. A Etnoprimatologia promove uma maior compreensão das necessidades ecológicas e sociais dessas espécies, contribuindo para estratégias de conservação mais eficazes e sustentáveis. Em suma, o artigo destaca o potencial da Etnoprimatologia como uma ferramenta essencial na promoção da coexistência harmoniosa entre primatas humanos e não humanos, essencial para a conservação ambiental global.

666

Palavras-chave: Conservação Ambiental. Antropologia Sociocultural. Primatologia. Interdisciplinaridade. Conscientização Ambiental.

¹Mestranda em Arqueologia (PPArque/Univasf) Especialista em Antropologia Forense e Técnicas em Arqueologia Aplicadas à Ação Forense Humanitária pela CAAF/Unifesp. Especialista em Genética Aplicada (UEL). Bacharela em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia (UFBA). Orcid: <https://orcid.org/0009-0000-2716-998X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0590248770117315>.

²Doutorando em Antropologia (PPGA/UFPB). Mestre em Antropologia. Especialista em Arqueologia e Patrimônio. Especialista em Ensino Religioso. Licenciado e Bacharel em Ciências Sociais. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4832-8825>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7628264779459752>.

ABSTRACT: This article investigates the fundamental role of Ethnoprimateology in understanding the relationships between human and non-human primates in order to promote the preservation of non-human primates. The problem of the increasing pressure on habitats of non-human primates, resulting from human expansion and human activities, is highlighted. Ethnoprimateology emerges as an interdisciplinary approach that integrates knowledge of Anthropology, Primatology and Environmental Conservation, seeking to understand the cultural, social and ecological interactions between humans and non-human primates. The main objective of the article is to demonstrate the effectiveness of Ethnoprimateology in the preservation and awareness of populations about the importance of non-human primates for ecosystems and human beings, recognizing and valuing local knowledge and practices related to primates. In this sense, we use bibliographical sources about Ethnoprimateology and methodologies used by ethnoprimateologists to meet the proposed objective. Ethnoprimateology promotes a greater understanding of the ecological and social needs of these species, contributing to more effective and sustainable conservation strategies. In short, the article highlights the potential of Ethnoprimateology as an essential tool in promoting harmonious coexistence between human and non-human primates, essential for global environmental conservation.

Keywords: Environmental Conservation. Sociocultural Anthropology. Primatology. Interdisciplinarity. Environmental Awareness.

RESUMEN: El presente artículo trata de investigar el papel fundamental de la etnoprimateología en la comprensión de las relaciones entre primates humanos y no humanos a fin de promover la preservación de los primates no humanos. Se destaca la problemática de la creciente presión sobre los hábitats de los primates no humanos, resultante de la expansión humana y de las actividades humanas. La Etnoprimateología surge como un abordaje interdisciplinario que integra conocimientos de la Antropología, Primatología y Conservación Ambiental, buscando comprender las interacciones culturales, sociales y ecológicas entre humanos y primates no humanos. El objetivo principal del artículo es demostrar la eficacia de la etnoprimateología en la preservación y concientización de poblaciones sobre la importancia de los primates no humanos para los ecosistemas y para el bien-ser humano, reconociendo y valorando los conocimientos y prácticas locales relacionadas con los primates. En este sentido, utilizamos fuentes bibliográficas respecto a la Etnoprimateología y metodologías utilizadas por etnoprimateólogos para atender al objetivo propuesto. La etnoprimateología promueve una mayor comprensión de las necesidades ecológicas y sociales de estas especies, contribuyendo para estrategias de conservación más eficaces y sostenibles. En definitiva, el artículo destaca el potencial de la etnoprimateología como una herramienta esencial en la promoción de la coexistencia armoniosa entre primates humanos y no humanos, esencial para la conservación ambiental global.

Palabras clave: Conservación Ambiental. Antropología Sociocultural. Primatología. Interdisciplinaria. Concientización Ambiental.

INTRODUÇÃO

Nos emaranhados tecidos da vida na Terra, os primatas, sejam eles humanos ou não

humanos, desempenham papéis essenciais que transcendem fronteiras biológicas e culturais em cenários nos quais sua convivência não é isenta de desafios. O estudo da Etnoprimatologia emerge como uma ótica poderosa para entendermos a complexa teia de interações entre esses seres e os ambientes que compartilham. Em resultado do cruzamento dos domínios da Primatologia e da Antropologia, a Etnoprimatologia oferece uma visão complexa dos ecossistemas sociais e naturais, permitindo-nos vislumbrar ações que permitam a promoção da conservação ambiental em um mundo em rápida transformação.

Para Printes (2011), compreender as percepções das populações locais sobre os primatas não humanos está entre as preocupações da Etnoprimatologia. Neste contexto, apresentaremos os modos utilizados por esta ciência para aproximar as mais diversas formas de conhecimento, de um lado, alinhadas aos de aspecto científico e, de outro, valorizando outras formas de saberes.

Nesse sentido, este trabalho se justifica pela necessidade de se divulgar a aproximação da Antropologia Sociocultural e as Ciências Biológicas, principalmente no que condiz aos impactos sociais. Para isso, buscamos trabalhos realizados por primatólogos e etnoprimatólogos que tratam do convívio entre seres humanos e outros primatas, evidenciando a eficácia de estudos interdisciplinares. Desse modo, perguntamos: como a Etnoprimatologia pode auxiliar na relação entre primatas humanos e não humanos?

Nosso objetivo é demonstrar a eficácia da Etnoprimatologia na preservação e conscientização de populações a respeito de primatas não humanos. Para a realização do presente trabalho utilizou do método bibliográfico que consiste no levantamento, análise e interpretação de referências teóricas relacionadas ao assunto a ser abordado (Fonseca, 2002).

Nesse íterim, como metodologia de pesquisa realizamos um levantamento bibliográfico visando definir a Etnoprimatologia e exemplificar a sua aplicação. Foi feito, portanto, um levantamento bibliográfico em plataformas digitais, como Scielo e Google Scholar, em que procuramos textos relacionados a Primatologia, Etnoprimatologia e valorização de conhecimentos locais. Em seguida realizamos a leitura, fichamento, análise e interpretação dos dados encontrados.

Discutimos, inicialmente, logo após esta introdução, sobre as características interdisciplinares da Etnoprimatologia que orientam um diálogo que faz o uso de diversos instrumentos pertencentes a outras ciências. Em nosso caso, a Antropologia e a Biologia ilustram essa ideia. Posteriormente, tratamos sobre o que é ser primata apresentando algumas das diferentes perspectivas que se tem a respeito dos primatas não humanos,

evidenciando como os conhecimentos da Primatologia são importantes para entender o ‘outro’.

Por conseguinte, discorreremos a respeito da maneira que esta disciplina é utilizada para valorizar outros saberes e conscientizar pessoas sobre a conservação ambiental, a medida em que se analisa e interpreta relações entre primatas humanos e não humanos. Para tanto, os métodos da Antropologia são indispensáveis.

1 ETNOPRIMATOLOGIA COMO ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

Etnoprimatologia é o campo de estudo que se difere da abordagem tradicional da primatologia, objetivando um entendimento antropológico de primatas através da análise das suas associações com as culturas humanas e as diferentes sociedades (Parathian *et al*, 2018). Desta forma, este campo aproxima a Antropologia Biológica e a Sociocultural, buscando entender humanos como membros ativos e integrados de comunidades biológicas (Parathian *et al*, 2018), se tornando um tipo de elo das relações entre primatas humanos e primatas não humanos.

[...] a iniciativa pretende que as interconexões entre humanos e primatas sejam vistas como algo mais do que simplesmente rupturas de um “estado natural”, mas, principalmente, como uma direção potencial para o entendimento de relações que, por muitas vias, tornam-se cada vez mais próximas e complexas. (Rapchan; Neves, 2014, p. 63).

No que diz respeito a seus enfoques de estudo, na perspectiva da Etnoprimatologia, não existe o tradicional dualismo entre aquilo que é estritamente ‘natural’ em contraposição àquilo que é humano, tendo em vista que se parte do pressuposto de que as relações entre humanos e primatas não humanos são estabelecidas desde as origens da humanidade. Ambos são dotados de várias características semelhantes por pertencerem ao mesmo nível taxonômico (*Primatae*) (Batista; Costa Neto; Spagnoletti, 2017).

Apesar de a Etnoprimatologia ser um campo recente, com as primeiras conexões entre a Primatologia e a Antropologia Sociocultural realizadas na década de 1960, após os trabalhos de Washburn (Sousa; Frazão-Moreira, 2010), suas abordagens são aplicadas no Brasil desde meados do século XIX (Printes, 2011). Esta, como mencionado anteriormente, utiliza métodos da Antropologia e da Primatologia englobando uma abordagem teórica multidisciplinar, isto é, estabelecendo conexões com diversas disciplinas para que seja possível empreender análises estudos das interações e relações de espaços ecológicos e sociais (Parathian *et al*, 2018).

Isto posto, esta disciplina conecta a Primatologia e a Antropologia Sociocultural. Os

métodos antropológicos, desse modo, são utilizados para estabelecer contato com as populações humanas, entender as relações entre primatas humanos e não humanos, e intermediar possíveis conflitos, ao oferecer conselhos, sugestões e planejar estratégias de conservação (Sousa; Frazão-Moreira, 2010).

Enquanto a Primatologia se caracteriza por realizar o estudo dos primatas, enfatizando àqueles não humanos, seus comportamentos, evolução, genética, habilidades cognitivas e ecologia. A Antropologia oferece métodos e ferramentas que permitem relativizar o comportamento humano e, de modo análogo, “reconstruir” os comportamentos que dizem respeito aos nossos antepassados (Sousa; Frazão-Moreira, 2010).

Neste contexto, o conceito de cultura se torna essencial na discussão. Para os primatólogos, há um consenso de sua definição como sendo aqueles comportamentos não herdados ou definidos geneticamente, tampouco por determinantes ecológicos. Para a Antropologia, em contrapartida, o símbolo tem papel central na definição sobre o que é cultura (Rapchan; Neves, 2010). Na perspectiva de Rapchan e Neves (2010), entender que primatas não humanos não detém cultura gera controvérsia, ao passo que significa reafirmar que humanos também são animais.

Além de conectar primatas humanos e primatas não humanos nos estudos empreendidos, a Etnoprimatologia é um ótimo instrumento de conservação ambiental e conscientização ecológica (Waters *et al.*, 2019). Como demonstrado no estudo realizado por Waters *et al.* (2019) em que os pesquisadores preferiram adotar um método etnográfico e educativo, ao invés de repreender os nativos por seus hábitos de maltratar os macacos da região, de forma que foi possível entender aquele povo e, em simultâneo, conscientizá-lo.

Nesse sentido, ao estabelecer essas conexões, as populações humanas desses espaços passam a ter contato com saberes de como preservar a natureza, ao passo que os etnoprimatólogos conseguem trocar saberes acerca das espécies de primatas habitadas no local e as suas necessidades. Portanto, os primatas não humanos também acabam ganhando, considerando que muitos desses projetos visam amenizar conflitos em locais ecológicos e sociais, isto é, aqueles compartilhados entre primatas humanos e primatas não humanos (Printes, 2011; Waters *et al.*, 2019; Torres Junior; Valença-Montenegro; Castro, 2018; Parathian *et al.*, 2018).

Geralmente, os estudos etnoprimatológicos objetivam garantir as necessidades das populações humanas locais, aprimorar a conservação de primatas e assegurar a longevidade dos projetos de conservação, ao entender as dinâmicas sociais e biológicas entre humanos e

outros primatas (Parathian *et al*, 2018).

Para Sousa e Frazão-Moreira (2010, p. 190), a Etnoprimatologia “aparece assim como uma solução para ajudar nos projetos e ações de conservação da natureza, ajudando a perceber as percepções das populações locais sobre a natureza que as rodeia, as suas expectativas e as situações de conflitos com as outras espécies”. Além disso, as autoras enfatizam que essas ações só são efetivas a partir da junção de métodos e teorias da Antropologia Biológica com a Antropologia Sociocultural.

A sua relevância cresce cada dia mais, tendo em vista que muitos primatas não humanos adentram os perímetros urbanos, podendo causar acidentes ou adoecerem, de forma que se prevê que a população de macacos no Brasil seja reduzida em até 78% até o fim do século XXI (Bispo *et al.*, 2020). Dentre as principais razões para a presença desses animais silvestres nas cidades, está “o crescimento da população humana mundial, doenças, a exploração de recursos naturais, mudanças climáticas, conflito por espaço entre os grupos de macacos, fragmentação dos habitats, desmatamento e perda de biodiversidade”, relata o autor (2020, p. 1256).

Dessarte, esta ciência traz uma nova perspectiva de como se fazer pesquisa com primatas não humanos, deixando de lado preconceções recorrentes nas áreas de estudos tradicionais, tais quais as dicotomias entre natural e humano, e aproximando saberes e espécies, se tornando um ótimo instrumento de aprendizagem, conscientização e preservação ambiental.

2 DINÂMICAS DE COEXISTÊNCIA E CONFLITO

Para entender melhor a relação entre a Etnoprimatologia e a sua função nas discussões relativas aos primatas humanos e outros que não humanos é importante definir brevemente o que significa ser ‘primata’ e o que diferencia estes dois grupos. Em vista disso, sabe-se que os primatas são diversos e algumas características não são necessariamente possuídas por todos, simultaneamente, porém os tornam primatas.

Tem-se como exemplo de características de primatas: cinco dedos nas mãos e nos pés, elevada mobilidade, polegares oponíveis (permitindo o manuseio de ferramentas), unhas no lugar de garras, clavícula (permitindo maior mobilidade dos braços), olhos em posição frontal, binocular e estereoscopia (permitindo visão em profundidade), e alargamento do cérebro (com maior complexidade cerebral) (Minhós, 2016). Assim, é possível afirmar que a ordem Primata inclui primatas não humanos e humanos.

É fato que os primatas são um grupo extremamente diverso que se expressa, por exemplo, na amplitude de tamanho corporal. Enquanto alguns primatas muito pequenos que pesam poucas gramas (lêmures-rato), outros excedem os 100 kg (gorilas). Essa diversidade se expressa, como afirma Minhós (2016, p. 295), “ao habitat que ocupam (floresta, savana, deserto), à sua dieta (insetívoros, frugívoros, folívoros, omnívoros), à locomoção (salteadores, quadrúpedes terrestres, quadrúpedes arborícolas) ou à sua organização social (solitários, monogâmicas, uni-macho, multi-macho, fusão-fissão)”.

A inteligência, capacidade compartilhada por todos os primatas, se caracteriza pelo potencial de criar soluções perante os empecilhos cotidianos, sendo resultado, dentre outras coisas, das pressões ecológicas e sociais que atuaram como motores evolutivos, de forma que todos conseguem moldar seu comportamento, podendo ser calculistas, construir mapas mentais, ferramentas, etc. Todavia, o que diferencia os humanos dos outros primatas é o fato de sermos exclusivamente bípedes, terrestres e com desenvolvimento cerebral e capacidade cognitiva significativamente superior às outras espécies”, relata Minhós (2016).

Referente às relações entre estes primatas humanos e não humanos, destaca-se que se difere a depender do local, cultura e até mesmo espécie de primata envolvida, tendo em vista que alguns podem ser vistos como alimentos para determinadas comunidades, enquanto outros podem ser entendidos como “próximos” de si, no sentido de serem interpretados como uma espécie semelhante ou com uma origem em comum.

Uma perspectiva recorrente sobre os primatas não humanos é a de que eles são humanos inferiores, visão esta que aparece tanto no senso comum, quanto em experimentos científicos que os enxergam enquanto objetos de análise e modelo de “outro” em contraste aos humanos. A partir dessa concepção, Vianna e Gomes (2010) informam que são realizados desde testes cognitivos à tentativa de hibridação com humanos e primatas não humanos.

A história de investigação dos grandes símios — dos estudos cognitivos envolvendo os grandes símios —, é também a história do entrelaçamento das duas operações descritas por Despret, inversão e naturalização do humano, como qualidades simultâneas de um mesmo jogo de definições identitárias. O próprio conceito de “cognição” é definido em termos da maior ou menor aproximação daquilo que o humano é capaz de fazer [...] o símio, enquanto modelo, serve à construção de um certo tipo de humano, de uma certa antropologia (Vianna; Gomes, 2010, p. 7).

Para Vianna e Gomes (2010) os experimentos supracitados são abordagens desatentas em relação à agência e seus objetos de estudo ou sujeitos experimentais, de forma que os cientistas foram postos como os únicos “ativos” no processo, em contraste aos objetos que nada podem mudar na pesquisa. Similarmente, é questionável a utilização de seres humanos

enquanto parâmetro da capacidade dos outros primatas, os quais, como relatado anteriormente, são colocados em uma posição de inferioridade e de incompletude em relação aos seres humanos.

Em contraposição, tem-se a relação entre os primatólogos e os primatas, em que há a troca “de experiências entre humanos e não humanos ou, mais especificamente, é possível localizar tanto a participação dos primatas nas histórias de vida de seus primatólogos quanto a recíproca, primatólogos compondo as histórias de vida de seus primatas” (Sá, 2012, p. 72). Neste sentido, Bollettin (2021) expõe a existência de um elo entre os primatólogos e os Ameríndios, sabendo que ambos relativizam sutilmente, à sua maneira, àquilo que é propriamente humano e nos força a defrontar o exótico, “seja ele um primata outro-que-humano filogeneticamente ou miticamente próximo” (Bollettin, 2021, p. 552). Conforme apresentado, os primatólogos apresentam uma nova interpretação para estes considerados “outros”, retirando-os da categoria de simples objeto de estudo e inserindo-os na posição de atores ativos no processo de estudo.

No que concerne a relação entre diferentes comunidades humanas e primatas, pode-se afirmar que os conflitos vêm se intensificando com o processo de desmatamento e urbanização. Desse modo, primatas humanos e não humanos tendem a conviver, cada vez mais, e, muitas vezes, a falta de conhecimento em relação aos não humanos gera prejuízos mútuos. Por outro lado, também existem sociedades indígenas e camponesas que dividem o espaço com outros primatas e, conseqüentemente, os inserem em sua cultura.

Partindo dessa compreensão, os indígenas Guajá — indígenas que habitam o noroeste do Maranhão e sudeste do Pará —, por exemplo, dividem os primatas entre os caçáveis e os criáveis (Garcia, 2018, p. 184), enquanto os Qom — indígenas que vivem no nordeste argentino ou nas periferias das grandes cidades argentinas — acreditam que os símios compartilham uma origem humana (Medrano, 2018).

O caso do Parque Bouhachemin é outro exemplo, localizado no norte do Marrocos, em que a idade influencia diretamente na forma que os indivíduos veem os macacos, assim como questões religiosas e sociais, considerando que, apesar de ser visto como uma atitude errada, os macacos-de-gibraltar são constantemente maltratados e assassinados por meninos, que deixam o costume de lado ao se tornarem homens e casados (Waters *et al.*, 2019).

Todavia, a existência de conflitos é recorrente devido à expansão da ocupação humana, fragmentando e degradando ‘habitats’ ao passo que gera escassez de alimentos.

Como exemplificado por, Batista, Costa Neto e Spagnoletti (2017), no bairro Vila Nobre, em Paulo Afonso, Bahia, têm-se conflitos entre os macacos-prego-galego e os moradores, os quais afirmam que os primatas invadem residências, danificam a sua infraestrutura e roubam alimentos e, como consequência, sofrem constantes ameaças, são machucados e traficados.

De maneira semelhante, Rocha e Fortes (2015), demonstram como a quantidade de primatas na região da Usina Hidrelétrica de Dona Francisca, em Nova Palma, Rio Grande do Sul, aumentou significativamente após a construção da usina, seja devido à falta de alimento na mata durante o inverno, pelo abandono de áreas cultivadas ou pelo aumento da população de macacos capuchinhos (p. 22). Dessa maneira, geram-se problemas ao passo que esses animais causam danos às plantações enquanto buscam alimentos.

Um estudo realizado por Bispo *et al.*³ (2020) demonstra como a maioria da população estudada carece de conhecimento adequado em relação à biologia dos primatas, se baseando em estereótipos do senso comum, principalmente no que condiz a sua alimentação e comportamento. Nas palavras dos autores, para os entrevistados, estes animais se alimentam predominantemente de frutas e verduras, quando, na verdade, são animais onívoros com uma alimentação ampla e diversa. Similarmente, nos pontos turísticos acreditam serem animais dóceis que aceitam facilmente alimentos, no entanto, estes são geralmente inapropriados e o comportamento de um animal silvestre pode se modificar a depender do estímulo que ele foi exposto, podendo, destarte, se tornar agressivo.

A presença de animais silvestres em meio urbano pode gerar perigo, ao passo que estes podem se defender por meio de mordeduras e arranhaduras. (Bispo *et al.*, 2020). O desconhecimento a respeito do animal, como anteriormente posto, pode trazer mais perigo, pois mostrar os dentes pode ser interpretado pelos humanos como um sorriso, quando, na verdade, significa que os animais se sentem ameaçados e podem atacar.

Os autores também apresentam outros contratempos em relação à aproximação entre primatas humanos e não humanos. A semelhança genética e biológica entre as espécies faz com que haja um potencial zoonótico, ou seja, transmissão de doenças infecciosas. “Portanto a proximidade de macacos ao perímetro urbano e o desenvolvimento de um contato direto com os humanos, expõe as pessoas a possíveis doenças as quais os macacos são reservatórios, como a doença de chagas e esquistossomose” (Bispo *et al.*, 2020, p. 1256).

³ Pesquisa realizada no estado de Minas Gerais em pontos turísticos e praças. Foram feitas 430 entrevistas com o perfil principal de adultos entre 31 e 60 anos vacinados contra a febre-amarela.

A falsa ideia de que os primatas não humanos são transmissores de febre-amarela também é um risco, levando a casos de agressão e morte de diversas espécies, as quais, na verdade, também são vítimas e não transmissores da doença, a qual é transmitida somente pelo vetor *Aedes aegypti* (Bispo *et al.*, 2020; Coelho *et al.*, 2020).

Como posto por Santos e Martinez (2015), tem-se conflito entre os Macaco-prego (*Sapajus sp*) e os humanos da reserva florestal do Poço Escuro, em Vitória da Conquista, Bahia, devido à necessidade destes animais de buscar alimentos, consumindo até mesmo alimentos industrializados e se tornando ameaças e pragas. A falta de regra entre o contato estabelecido entre as espécies, assim como, a falta de conhecimento sobre esses animais é um agravante.

O transporte de comida aumentou a frequência de interações agonísticas dos macacos aos humanos, mostrando comportamentos moderadamente agressivos, como expor os dentes. Isso acarreta o risco desse comportamento ser mal interpretado como amistoso pelas pessoas (por ser semelhante ao riso humano) levando a alguns visitantes a fomentá-lo, provocando mordidas ou outros acidentes (Santos; Martinez, 2015, p. 278).

De maneira análoga, Batista, Costa Neto e Spagnoletti (2017), se baseando em relatos de moradores, descobriram sobre a alimentação dos macacos que vivem na região próxima ao bairro Vila Nobre, em Paulo Afonso, Bahia, a qual, conforme os entrevistados “comem de tudo”. Como expõem Batista, Espartosa e Oshika (2020), a ingestão de alimentos antropogênicos pode ser danosa aos animais silvestres, causando aumento dos níveis de glicose e colesterol e levando a doenças como diabetes e obesidade.

Analisando o exposto, percebe-se que a falta de conhecimento das populações que convivem com outros primatas é o principal agravante para a falta de preservação desses animais, e similarmente, de perigo mútuo entre os seres humanos e os animais silvestres. Consoante a isso, urge políticas de conscientização e trocas de ensinamentos entre etnoprimitólogos e as comunidades.

3 CONTRIBUIÇÕES PARA A CONSERVAÇÃO

Em diversos lugares as relações estabelecidas entre primatas humanos e não humanos são conflituosas, considerando os conflitos gerados pela expansão da ocupação humana e, em alguns casos, a consequente invasão destes primatas às residências em busca de alimentos. Como resultado, 75% das espécies de primatas não humanos vêm sofrendo um processo de extinção causado principalmente pela perda de habitat e fatores correlatos (Coelho *et al.*, 2020).

A Etnoprimatologia, destarte, aparece como um instrumento capaz de auxiliar na resolução desses impasses, ao passo que valoriza tanto os saberes científicos quanto os locais, tal qual apontaremos mais adiante, de modo que as estratégias de conservação se tornam mais eficazes quando se estabelece conexão entre ecologia e comportamento humano e de primatas não humanos, unindo os temas de pesquisa em uma única área de investigação (Sousa; Frazão-Moreira, 2010). A partir do exposto, este campo de estudo atua estudando as articulações entre as espécies, analisando as relações estabelecidas e, a partir dela, buscando entender mais sobre as suas necessidades.

Trazendo caso análogo, Torres Junior, Valença-Montenegro e Castro (2018) demonstram em seu artigo um estudo etnoprimatológico envolvendo crianças, em que se utilizam de atividades com mapas mentais para estudar as suas percepções ambientais. Nesse sentido, analisou-se a percepção ambiental infantil sobre primatas em uma escola pública no entorno da Reserva Particular do Patrimônio Natural Engenho Gargaú, na Paraíba, Brasil. A hipótese proposta foi de que haveria diferença na percepção de crianças que já avistaram primatas das que nunca avistaram, pois se pressupõe que aquelas que já tiveram contato com os primatas possuem uma percepção ambiental mais realista e detalhada do que as demais.

A partir da análise dos mapas mentais percebeu-se que as crianças que já haviam tido contato prévio com os primatas não humanos são as que mais têm conhecimento sobre eles, podendo perceber até mesmo problemas relativos à caça e desmatamento. Os resultados encontrados, portanto, evidenciam que as crianças que já tiveram contato com primatas possuem uma percepção ambiental mais realista que as demais, apresentando desenhos de primatas com uma coloração compatível com a realidade, além de não recorrerem a elementos abstratos em seus desenhos.

Sousa e Frazão-Moreira (2010) apresentam a Etnoprimatologia como instrumento de conversão ambiental, partindo de sua experiência na Guiné-Bissau com chimpanzés, demonstrando ser uma solução para auxiliar nos projetos e ações de conservação da Natureza, ajudando a perceber as percepções das populações locais sobre a natureza que as rodeia, as suas expectativas e as situações de conflitos com as outras espécies.

De modo similar, Coelho *et al.* (2020) evidenciam como ações educativas podem contribuir para a conservação do bugio-ruivo (*Alouatta guariba clamitans*), animal ameaçado de extinção. Os autores realizam pesquisas em municípios do Rio Grande do Sul, como em Porto Alegre, onde os bugios-ruivos convivem com os seres humanos há décadas. O

monitoramento é realizado pelo Programa Macacos Urbanos desde 1997. No bairro Lami, por exemplo, esses primatas costumam habitar quintais de residências, alimentar-se e até mesmo dormir nesses locais.

Em um estudo realizado no município de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Coelho *et al.* (2020) levantaram informações acerca do convívio entre primatas humanos e outros primatas, utilizando como método entrevistas semiestruturadas com 50 moradores de cinco bairros⁴ periféricos. Buscaram entender o ponto de vista e atitudes dos moradores em relação aos bugios, avaliando os saberes, a percepção dos sujeitos e ações frente ao animal, assim como o impacto das atividades educativas realizadas em escolas da região as quais visavam conscientizar a população sobre aspectos ecológicos e a importância da preservação dos bugios.

Como resultado, concluiu-se que existe uma afinidade entre os seres humanos e os primatas estudados, de maneira que os moradores se preocupam com o bem-estar e com a permanência da espécie no seu habitat. Isto posto, as atividades educativas realizadas tiveram efeito positivo na população. Os estudantes demonstraram uma compreensão positiva sobre os primatas, as quais foram reforçadas pelas palestras adotadas (Coelho *et al.*, 2020). Do ponto de vista dos autores, o exercício de conscientização em escolas pode ser ainda mais efetivo se os estudantes forem estimulados a atuar como agentes multiplicadores do conhecimento em suas residências e comunidades.

Como caracteriza Batista, Espartosa e Oshika (2020), ao abordar sobre estratégias de conscientização em teatros, as iniciativas educacionais e de conscientização ambiental têm trazido resultados positivos para os mais diferentes públicos, desde estudantes da Educação Infantil aos alunos do Ensino Superior, incluindo-se os alunos do Ensino Fundamental.

Portanto, fica evidente o modo que esta ciência se faz útil para o aprendizado técnico-científico e a educação comunitária sobre alimentação e hábitos de determinados primatas, em certos lugares, valorizar saberes locais, a partir da utilização de conhecimentos locais, sejam por relatos, entrevistas, etc., ao passo que se torna um instrumento de conscientização ao serem feitos projetos educativos sobre preservação ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta ciência, surgida nas últimas décadas, une saberes de disciplinas até então vistas

⁴Conforme os autores, o critério de seleção foi a existência de relatos prévios do aparecimento desses animais nos locais, são eles: os bairros Boi Morto, Camobi, Caturrita, Cerrito e Diácono João Luiz Pozzobon.

como distantes, como a Primatologia e a Antropologia Sociocultural, aproximando também a última com a sua vertente biológica. Na Etnoprimatologia, portanto, utiliza-se de ferramentas da Primatologia, permitindo estudar outros primatas em diversas perspectivas (comportamento, evolução, genética, etc.), e de ferramentas utilizadas pela Antropologia Sociocultural, como a utilização do método etnográfico e do conceito de cultura, para assim, entender as interconexões entre humanos e primatas não humanos.

A partir das informações apresentadas, podemos compreender a utilização da Etnoprimatologia tanto para entender os modos de coexistência entre primatas humanos e não humanos, como para a conscientização de pessoas a respeito da biologia desses animais, assim como da sua preservação.

Desta forma, a Etnoprimatologia se torna um ótimo instrumento de valorização de saberes locais e de conservação ecológica, à medida que entende a necessidade de se utilizar conhecimentos de moradores conjuntamente aos científicos e de se propor estratégias de conservação dos animais que vivem em regiões próximas aos seres humanos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Wallace; COSTA NETO, Eraldo Medeiros; SPAGNOLETTI, Noemi. Relação entre humanos e primatas (*Sapujus sp.*) às margens do rio São Francisco, Nordeste, Brasil. **Ethnoscintia**, São Sebastião (Pará), v. 2, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscintia/article/view/10180/7038>. Acesso em: 04 fev. 2024.

BATISTA, Caroline Renata; ESPARTOSA, Karina Dias; OSHIKA, Monica Toshie Suzuki. NÃO ALIMENTEM OS ANIMAIS SILVESTRES DO PARQUE: TEATRO COMO FERRAMENTA DE CONSCIENTIZAÇÃO. **Revista Extensão & Cidadania**, [s. l.], v. 8, n. 13, p. 258-273, 2020.

BOLLETTIN, Paride. QUEM É UM PRIMATA? ETNOGRAFIAS DE PRIMATAS ENTRE PRIMATÓLOGOS E AMERÍNDIOS. **Revista Habitus - Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, Goiânia, v. 18, n. 2, p. 539-561, fev. 2021. ISSN 1983-7798. Disponível em: <http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/habitus/article/view/8182/5024>. Acesso em: 01 fev. 2024.

BISPO, Amanda Juliani et al. Ação educativa sobre a febre amarela visando a preservação de primatas na cidade de Poços de Caldas. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, [s. l.], v. 3, n. 3, p. 1252-1257, 2020.

COELHO, Ana Paula V. et al. Conhecimento popular, ações educativas e suas implicações para a conservação dos bugios-ruivos, *Alouatta guariba clamitans*, em Santa Maria, sul do Brasil. **Neotropical Primates**, Arlington, VA, USA, v. 26, n. 2, p. 40-49, 2020.

GARCIA, Uirá. Macacos também choram, ou esboço para um conceito ameríndio de

espécie. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, p. 179-204, abr. 2018.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

MEDRANO, Celeste. Quando macacos e humanos compõem mundos: relações entre o carayá (bugio-preto) e os Qom no Gran Chaco. **Revista de Antropologia da UFSCar**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 141-163, 2018.

MINHÓS, Tânia. Porque nos revemos nos outros primatas? A antropologia biológica elucidada-nos. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, Porto, v. 56. p. 294-300, 2016.

PARATHIAN, Hannah et al. Breaking Through Disciplinary Barriers: Human-Wildlife Interactions and Multispecies Ethnography. **International Journal of Primatology**, [S. l.], v. 39, p. 749-775, abr. 2018.

PRINTES, Rodrigo. Etnoprimatologia, distribuição geográfica e conservação do guigó-da-caatinga (*Callicebus barbarabrownae* Hershkovitz, 1990). **A Primatologia no Brasil**, Curitiba, v. 12, p. 15-29, 2011.

RAPCHAN, Eliane Sebeika; NEVES, Walter. Alves Neves. Etnografias sobre humanos e não humanos: limites e possibilidades. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 57, n. 1, p. 33-85, 2014.

ROCHA, Lara. Cristiani; FORTES, Vanessa Barbisan. Perceptions and attitudes of rural residents towards capuchin monkeys, in the area of influence of the dona francisca hydroelectric power plant, South Brazil. **Ambiente e Sociedade**, Campinas, v. 18, p. 19-34, out./dez. 2015.

SÁ, Guilherme José da Silva e. Abraços de mono": elos perdidos e encontros intersubjetivos em etnografia com primatólogos no Brasil. **Mana** (UFRJ. Impresso), Rio de Janeiro, v. 16, p. 179-211, abr. 2010.

SANTOS, Josemeire Gonzaga dos; Martinez, Romari Alejandra. Compartilhando espaços verdes urbanos: interações entre macacos-prego (*Sapajus* sp.) e humanos numa reserva florestal na Bahia, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências** (Online), v. 13, n. 4, p. 272-280, out. 2015.

SOUSA, Cláudia; FRAZÃO-MOREIRA. Amélia. Etnoprimatologia ao serviço da conservação na Guiné-Bissau: o chimpanzé como exemplo. In: ALVES, Angelo Giuseppe Chaves; SOUTO, Francisco José Bezerra; PERONI, Nivaldo. (Org.). **Etnoecologia em perspectiva: natureza, cultura e conservação**. 1ed. Recife: NUPEEA, 2010, p. 187-200.

TORRES JUNIOR, Emanuel Ubaldino; VALENCA-MONTENEGRO, Mônica Mafra; CASTRO, Carla Soraia Soares de. Percepção Ambiental de crianças sobre primatas por meio de mapas mentais: subsídios para Educação Ambiental. **Revista Brasileira De Educação Ambiental (RevBEA)**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 294-307, 2018.

VIANNA, Beto; GÓMEZ-SORIANO, Rubén. 'Inglorious primates': grandes símios entre o objeto, o modelo e o outro do humano. In: 27a. Reunião Brasileira de Antropologia, 2010, Belém. Anais [...] Belém: 27ª RBA, 2010.

WATERS, Sian et al. Interpreting People's Behavior Toward Primates Using Qualitative Data: A Case Study from North Morocco. **International Journal of Primatology**. [s. l.], v.

40, p. 316-330, 2019.